

Entrevista concedida por Alan Plachta por ocasião da oficina

# A IMPROVISAZÃO DIRIGIDA COMO FERRAMENTA NA EDUCAÇÃO MUSICAL

realizada pelo grupo PET-Música UNESP em 18 de abril de 2016.

## Entrevistadoras

Andrea Satomi Nagamine  
Angelica Tavares Rios  
Dayse Rodrigues Bulgarelli  
Gabriela de Moraes Bonafé  
Rosana Silva Ferreira  
Thais de Freitas Rodrigues

## Tradução e Transcrição

Andrea Satomi Nagamine

## Revisão

Andrés Felipe Mosquera Bucheli  
Gabriela de Moraes Bonafé  
Leonardo Ferreira Rodrigues  
Sophia Alfonso Frederico

**PET-Música UNESP:** Fale-nos um pouco sobre você. Qual foi a sua formação?

**Alan Plachta:** Comecei a tocar violão aos dez anos. Tocava principalmente rock e canções da música popular argentina. Depois comecei a fazer aulas com um professor, até que, em um momento, aos dezessete ou dezoito anos, comecei a me interessar pelo jazz. Fui estudar em uma escola orientada ao jazz, em Buenos Aires, que se chama Escuela de Música Contemporánea, afiliada à Berklee College of Music. Em paralelo,

sempre me formei com professores particulares. Estudei com alguns professores em Buenos Aires que me foram muito úteis, com os quais sinto que mais aprendi. Um deles é Juan “Pollo” Raffo. Outro é Lito Valle. Guillermo Klein. E Teodoro Cromberg também. Em paralelo, comecei a estudar coisas que eu sentia que faziam falta para minha formação musical. Tive, aos vinte ou vinte e um anos, um problema de tendinite forte na mão que me impediu de tocar por muito tempo. Então fui até a Liliana Ardissonne, que foi minha

**“( . . . ) A IM-  
PROVISAÇÃO É  
COMO COMPOR,  
MAS SEM BOR-  
RACHA, SEM A  
POSSIBILIDADE  
DE APAGAR. ”**

professora de violão por dez anos, mais ou menos, com a qual estudei tudo relacionado à mecânica corporal do instrumento. Em paralelo, sempre que tenho tempo, estudo piano. Fiz também especializações em arranjo, harmonia, contraponto e composição. E quanto à guitarra elétrica e ao violão, tenho dividido meu tempo ao meio. Nos últimos anos, estou tocando mais o violão. Além dos professores particulares, sempre fui de buscar por conta própria as ferramentas que eu pudesse encontrar para seguir me aperfeiçoando. E sinto que me formei muito com colegas, com os músicos com os quais fui tocando, porque minha atividade profissional começou muito cedo - aos quinze anos comecei a trabalhar tocando em um bar. Tocava cinco noites por semana, era um pouco ativo demais - para a escola isso trazia os seus problemas! Então sinto que a atividade profissional ajudou a me formar, ajudou a melhorar a leitura, a relação geral com a música e com os outros músicos. E sigo estudando sempre que posso. Agora, especificamente, no último ano tenho dedicado parte importante do tempo ao livro de harmonia do Schönberg. Essa é uma das coisas que mais estudo agora.

**PET-Música:** Na sua visão, qual a importância da improvisação na vida dos músicos em geral?

**Alan Plachta:** Penso que a improvisação é como compor, mas sem borracha, sem a possibilidade de apagar. O que é muito parecido com o que alguém pratica diariamente quando fala, por exemplo. Quando uma pessoa fala, ela estudou uma linguagem que sabe falar. Pode conhecer mais palavras ou menos palavras, mas na hora de elaborar uma oração ela não a tem planejada, as palavras vão saindo naturalmente. Para mim, estudar improvisação é, em parte, poder ser o mais natural possível e o mais honesto possível com o que se quer dizer musicalmente, assim como acontece na hora de se transmitir algo falando. Além disso há distintas aplicações em tipos de músicas determinadas, como o jazz, o choro. Me parece algo importante saber de que lugar se fala. Bom, isso é quanto ao aspecto da importância da improvisação na música. Sinto que é tão importante quanto é na vida, no cotidiano, na relação com as pessoas. Depois, sim, é certo que em algumas músicas vai haver mais necessidade de improvisar do que em outras - se você é parte de uma fila de violinos de uma orquestra tocando uma obra determinada, provavelmente não vai necessitar das ferramentas. Mas, de toda forma, penso que sempre ajuda o músico, da mesma forma que praticar leitura ajuda inclusive o músico que vai tocar algo sem ler. É como uma ferramenta muito útil. E sinto que faz despertar coisas na sensibilidade do músico na hora de tocar e até de compor.

**PET-Música:** Para educadores musicais, como a improvisação pode ajudar em uma aula? O que você pensa sobre o assunto?

**Alan Plachta:** Eu penso que é bom que a improvisação esteja acompanhada de metodologias ou formas de trabalhar lúdicas. Não tem o porquê ser algo tedioso ou algo muito complicado. Por exemplo, começar a improvisar com os elementos mais simples possíveis na forma de jogo, inclusive porque me parece que é algo que as crianças, quando estudam música, fazem naturalmente. Quando uma criança senta ao piano, toca a primeira coisa que lhe vem à cabeça. O mesmo acontece com o violão ou qualquer outro instrumento. Então me parece que é não perder esse instinto, é transmitir aos estudantes a possibilidade de não reprimir esse instinto de pegar um instrumento e tocar de forma improvisada o que lhe vem à cabeça.

**PET-Música:** Quando você começou a improvisar? Sempre foi algo presente nos seus estudos?

**Alan Plachta:** Houve etapas distintas. A primeira, quando toquei um violão pela primeira vez, o que fazia era improvisar. Depois houve uma etapa de estudo forte de improvisação ou de métodos de improvisação jazzística. Penso que, conforme eu fui ensinando, da forma como eu

podia ensinar aos estudantes, comecei a me sentir mais confortável para isso. Mas sempre improvisei. Sempre foi algo que eu gostava de fazer. E sinto que alguém se sente confortável improvisando quando pode quebrar a barreira que há entre o que escuta e o que está tocando.

**PET-Música:** Para você, há diferença entre a improvisação para o intérprete/performer e para o educador musical?

**Alan Plachta:** Bom, é certo que há diferenças, sobretudo quanto a que tipo de música vai tocar o intérprete. Porque assim como estou implantando essa possibilidade de que a improvisação se aplique a distintos aspectos, a distintos âmbitos da música, se o intérprete se especializa em um gênero, é muito provável que tenha que incorporar coisas pontuais, idiomáticas, musicais de cada gênero. Por isso que se alguém toca bebop é possível que tenha essa linguagem mais estudada do que alguém que improvisa tocando choro ou rock. Então me parece que para o educador vai depender daquilo que ensina. Em todo caso, me parece importante que tenha ferramentas de improvisação e possa trabalhar com elas. Então seriam como diferentes abordagens à improvisação.

**PET-Música:** Como professor, você trabalha só com métodos ou procura despertar a consciência de seus alunos para

**“(...) A MÚSICA QUE FAÇO ESTÁ FORA DE UM GÊNERO.”**

que tenham liberdade com seus instrumentos?

**Alan Plachta:** Faz um tempo que deixei de ensinar com um método de improvisação. Não me agrada. Entendo e sinto que tem seu valor, mas me agrada mais abarcar a improvisação a partir de um lugar um pouco mais livre. Digamos, livre de gêneros, porque não sou um músico exclusivamente nem de jazz, nem de folclore argentino, nem tango – ainda que goste deles e os tenha estudo em maior ou menor medida – a música que faço está fora de um gênero. Então trato de ensinar a meus estudantes a forma de improvisar sobre a música que eles queiram.

**PET-Música:** Para você, o que é preciso para improvisar bem?

**Alan Plachta:** Para improvisar da melhor forma possível o principal para mim é a honestidade. E isso tem a ver com não tocar coisas que sinta que não vá transmitir aquilo que quer. É o mais difícil de se alcançar – quebrar a barreira entre o que se quer dizer e o que a técnica, o estudo ou o que seja lhe permite.

**PET-Música:** Para os iniciantes, por onde você diria que se deve começar?

**Alan Plachta:** Bom, uma maneira, me parece, é cantar o que vai tocar - se não é um cantor me parece importante poder cantar o

que vai tocar em seu instrumento. Transcrever improvisações de improvisadores que sejam de seu gosto. Tratar de estudar de forma contínua - periodicamente e metodicamente. E o que me parece importante: não se frustrar se a princípio não gostar do que improvisa, porque é algo novo. Por exemplo, na primeira vez em que você sobe numa bicicleta é provável que você caia, mas isso não quer dizer que não vá tentar novamente, porque senão não vai andar de bicicleta nunca mais. Assim, de tudo o que disse, isso me parece o mais importante: não se frustrar se o que improvisa a princípio não lhe satisfaz.

**PET-Música:** Para finalizar nossa conversa, há algo que queira colocar?

**Alan Plachta:** Sim. Pensando na época em que vivemos, quando gostar de uma música, escute-a muito. Porque hoje se tornou comum colocar um vídeo no YouTube e em seguida saltar a outro. E me parece que se alguém realmente sente que lhe passou algo escutando a um artista determinado, a um compositor determinado e tem um disco ou alguma outra forma de escutá-lo – se for contemporâneo, se há uma forma de escutar ao vivo – faça-o. Ir ver música ao vivo. Escutar muito as músicas de que gosta. Este é um conselho. Não perder certa metodologia na hora de escutar música.

**Para saber mais**

Página oficial de Alan Plachta:

[alanplachta.com](http://alanplachta.com)